

PENAFIEL (Irivo)

Partindo de Penafiel, tome a estrada EN 106, que conduz às Termas de São Vicente e a Entre-os-Rios. Volvidos cerca de 3 km, pouco depois de passar o cruzamento para Rans, encontra a terceira rotunda desta movimentada estrada. Tome a primeira saída, à sua mão direita, que é a estrada para Paço de Sousa (EN 106-3). Percorra cerca de 2 km. Depois de passar o lugar de Ermida encontra uma nova rotunda. O Marmoiral de Ermida encontra-se à sua mão esquerda, imediatamente antes da rotunda, enquadrado por um recente espaço ajardinado.

Marmoiral de Ermida

O MARMOIRAL DE ERMIDA (Irivo, Penafiel) é um arco funerário isento, isto é, isolado, que se ergue no meio dos campos, longe de templo. Mesmo sabendo que ele foi deslocado, devemos sublinhar que a sua implantação era, também na origem, similar: um arco monumental, erguido independente de qualquer outra estrutura e longe de qualquer adro. Com efeito, o primitivo local de implantação do Marmoiral de Ermida estava relacionado com a *Estrada Velha*, que ligava o Porto a Arrifana de Sousa (hoje a cidade de Penafiel). Por volta de 1928, durante os trabalhos de melhoramento da estrada EN 106-3, a *Estrada Velha* foi alteada, o que implicou desmontar e remontar o arco, mudando-o de local. António de Almeida, em 1814, e o anónimo da notícia publicada n' *O Panorama*, em janeiro de 1840, são unânimes em localizar o monumento *pelo lado norte da estrada* ou *da banda norte da estrada*. Hoje ele está a sul da EN-106-3...

À semelhança de outros *marmoirais* do Douro Litoral – como o Marmoiral de Alpendorada (Marco de Canaveses), o Marmoiral de Santo António (Santa Eulália, Arouca), o desaparecido Arco de Lordelo (Ancede, Baião) ou o arruinado Arco de Paradela (Mondim da Beira, Tarouca) – o Marmoiral de Ermida é constituído por um supedâneo paralelepípedo sobre o qual se ergue um arco. O supedâneo do Marmoiral de Ermida é formado por quatro fiadas de silhares de granito, escalonadas. As três primeiras são dotadas de tímido chanfro. A quarta, sobre a qual se apoia o arco, apresenta dois sulcos gravados a meia altura e remate superior toreado. Sobre esta plataforma ergue-se uma secção de muro, com seis silhares de altura, que apresentam os ângulos exteriores toreados. No vão central foi rasgado o arco. O espaço correspondente aos dois primeiros silhares recebeu quatro colunelos, adossados, dois de cada lado,

com pequenos capiteis ornamentados com faces humanas. Sobre eles apoia-se uma tampa de sepultura de secção pentagonal, idêntica às que costumamos ver associadas aos sarcófagos da baixa idade média. Os remates angulares da tampa são igualmente toreados. O arco, que se apoia nos segundos silhares, é quebrado e apresenta uma movimentada decoração de toro e escócia, ostentando meias esferas nas três escócias (nas duas voltadas ao exterior e na voltada ao intradorso). O monumento remata, em cima, com

Marmoiral de Ermida. Vista a partir do lado sudeste





Pormenor do alçado sul

uma cornija com motivos vegetalistas (dotados de cinco pétalas) e com um novo toro. Por cima, e nas extremidades, duas pedras poligonais destinavam-se a receber cruzes, hoje ausentes. Segundo o testemunho dos operários que trabalharam no restauro do monumento, transmitido a Pedro Vitorino (1942 e 1943), o supedâneo do Marmoiral de Ermida abrigaria uma cavidade sepulcral de configuração antropomórfica.

O remate superior do Marmoiral de Ermida afigura-se crucial para a sua datação. Com efeito, as folhas de cinco pétalas, tratadas a bisel, revelam profundas afinidades com o estaleiro de escultores que trabalhava na reforma do Mosteiro de Paço de Sousa, a escassos quilómetros de distância. Já o autor anónimo da notícia d'O *Panorama* reconhecia estas semelhanças, escrevendo, em 1840: "Da architectura deste arco ou marmoiral, em tudo conforme à do frontispício de Paço de Sousa, se infere serem ambos coetâneos". As afinidades (por exemplo, com as aduelas da rosácea de Paço de Sousa) são tão estreitas que não podem deixar de sugerir que o monumento de Ermida tenha sido construído com o contributo de pedreiros que trabalhavam no atelier de Paço de Sousa, na reforma que estava em curso nos meados do século XIII, em 1258, ou que, pelo menos, tiveram conhecimento dessa obra.

O Marmoiral de Ermida anda associado a duas lendas, ambas sem fundamento. A primeira relaciona-se com a passagem, em 1256, do féretro da Beata D. Mafalda, no trânsito entre Rio Tinto (onde faleceu) e o mosteiro de

Arouca (onde foi sepultada). Trata-se de uma lenda, insistentemente reproduzida na bibliografia, que é igualmente partilhada por outros monumentos deste tipo (nomeadamente os marmoirais de Alpendorada e de Santo António), mas que carece de fundamento. A segunda lenda liga-o com a figura de D. Souzino Álvares, um pretensu elemento da nobreza local. Fr. António da Soledade, no *Diatário* do Mosteiro de Paço de Sousa (em 1765), António de Almeida (em 1816), o autor anónimo d'O *Panorama* (em 1840) e Pedro Vitorino (em 1942), entre outros, citam um documento da Era de 1152 (A.D. 1114) que referia *domno Souzino Alvariz, qui nostra generatione bene fugam in vitam aeternam, et ibi jacet subtus mons Sinagoga*, associando este nobre ao Marmoiral de Ermida. O documento, que não pertence ao *Livro de Testamentos* do Mosteiro de Paço de Sousa, foi transcrito nas *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa* (Prova nº 17) e, a partir daqui, integrou os *Documentos Medievais Portugueses*. A sua leitura revela que os bens doados por Pedro, Rodrigo, Monia e Ermegundia Senamiriz se localizavam em Galegos (Penafiel) tinham *suas entradas sub domo Ioazino Alvariz* e ficavam *subtus mons*. Não se trata, portanto, de um *Domno Souzino Alvariz*, suposto nobre, mas da casa de um *Ioazino Alvariz*. A associação, tantas vezes repetida, do Marmoiral de Ermida com a sepultura de D. Souzino Alvares não tem, portanto, qualquer fundamento.

A gravura publicada por António de Almeida (em 1816) – a partir da qual se produziu a gravura publicada n'O *Panorama* (1840), assinada por *Coelho* – mostra o monumento antes dos trabalhos de restauro, com falta de alguns silhares na zona central da cornija. O restauro, promovido pela DGEMN, teve lugar por volta de 1940 (seguramente antes de 1942). O monumento foi recentemente objeto de recuperação e valorização por iniciativa da *Rota do Românico*, ocorrida em 2006-07.

O Marmoiral de Ermida encontra-se classificado como Monumento Nacional (Decreto-Lei 136, de 23 de junho de 1910).

Texto: MJB - Fotos: RR

Bibliografia

ALMEIDA, A., 1816; AGUIAR, J.M., 1933; BARROCA, M.J., 1987, pp. 400-401 e 449-450; DMP, DP (3), doc. n.º 467 (de 1114, março, 23); MIRANDA, A., 1937, pp. 11-12; ROSAS, L.M.C., 2008, pp. 225-233; ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014b, pp. 85-89; S.A. 1840, p. 20; SILVA, A.M.S.P., 1987; SIPA; VIEIRA, J.A., 1886-87, II, p. 546; VITORINO, P., 1942, pp. 15-18; VITORINO, P., 1943, p. 11.